



CONSIDERAÇÕES SOBRE O PARTIDO NAZISTA NO BRASIL: UMA ABORDAGEM FILOSÓFICO-HISTÓRICA

Letícia Pedrassa Prates¹
Ester Maria Dreher Heuser²

Resumo: Esse artigo parte de algumas considerações sobre a existência de um Partido Nazista no Brasil nos anos de 1928-1938, orientadas pela tese de Ana Maria Dietrich, *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil* (2007), e pelo pensamento de Michel Foucault, em *Arqueologia das Ciências Humanas e História dos Sistemas de Pensamento (Ditos e Escritos II)* (2013), dentre outras referências bibliográficas. Por meio de uma abordagem filosófico-histórica, o artigo menciona a emergência de determinadas práticas de violência contemporâneas amiúde associadas ao fascismo e ao nazismo, para, a partir disso, investigar algumas das ações efetivadas por esse Partido no país, questionando como ocorreu sua formação na realidade brasileira. Nesse sentido, problematiza perspectivas de análise do fascismo e do nazismo que se limitam às fronteiras europeias e desconsideram as peculiaridades do que se sucedeu em outros contextos. Trata-se de apreender e descrever certos aspectos do que se efetivou em condições históricas distintas, com atenção aos objetivos do Partido Nazista no Brasil. Pretende-se mostrar, então, como se deu o envolvimento do Partido com o Terceiro Reich, assim como a extensão das práticas nazistas nos estados brasileiros, parte de sua organização e para quais indivíduos o Partido destinava seus projetos. Objetiva-se, de acordo com as diferenças entre as ideias de Dietrich e o pensamento de Foucault, contribuir com a análise da disseminação das convicções nazistas em outras conjunturas. Associar as reflexões de Dietrich com a perspectiva foucaultiana produz alguns ruídos. Dietrich argumenta sobre uma possível adaptação dos princípios nazistas ao Brasil, enquanto Foucault destaca a singularidade das emergências históricas, afastando-se da apreensão dos eventos como uma mera repetição do que se sucedeu anteriormente em outras conjunturas. Compreender, portanto, como se deu o alastramento das convicções nazistas no Brasil torna possível a apreensão do passado como vivo nas perguntas que lançamos ao nosso próprio espaço-tempo histórico.

Palavras-chave: Partido. Nazismo. Brasil.

Abstract: This article is based on some considerations about the existence of a Nazi Party in Brazil in the years 1928-1938, as pointed out by Ana Maria Dietrich's thesis, *Tropical Nazism? The Nazi Party in Brazil* (2007), and by Michel Foucault's thought, in *Archaeology of the Human Sciences and History of Systems of Thought (Sayings and Writings II)* (2013), among other references. Under a philosophical-historical approach, the article mentions the emergence

¹ Mestranda em Filosofia. Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Campus Toledo (PR). Bolsista CAPES. E-mail: leprates25@gmail.com.

² Doutora em Educação. Professora-pesquisadora Associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Centro de Ciências Humanas e Sociais, Curso de Filosofia (Licenciatura e Pós-graduação, Linha de Pesquisa Ética e Filosofia Política), Campus Toledo (PR). E-mail: esterheu@hotmail.com.

of certain contemporary practices of violence often associated with fascism and Nazism, so as to investigate some of the actions carried out by this Party in the country, by questioning how its formation occurred in the Brazilian scenario. In this sense, this study problematizes perspectives of analysis of fascism and Nazism that are limited to European borders and disregard the strange aspects of what happened in other contexts. It is about understanding and describing certain aspects of what applies in different historical conditions, with a focus on the Brazilian Nazi Party's objectives. This article seeks to show, then, how the Party's involvement with the Third Reich occurred, as well as the dimension of Nazi practices in Brazilian states, some of its organization and to which individuals the Party aimed its projects. The objective, in accordance with the differences between Dietrich's ideas and Foucault's thought, is to contribute to the analysis of the dissemination of Nazi convictions in other contexts. Associating Dietrich's reflections with the Foucauldian perspective produces some noise. Dietrich argues about a possible adaptation of Nazi principles to Brazil, whereas Foucault highlights the singularity of historical emergences, and moves away from the apprehension of events as a mere repetition of what happened previously in other conjunctures. Understanding, therefore, how Nazi convictions spread in Brazil makes it possible to understand capture of the past as alive in the questions we pose to our own historical space-time.

Keywords: Political Party. Nazism. Brazil.

Tendo em vista a disseminação de práticas de violência, hoje, no Brasil, as quais parecem remontar às convicções e características próprias ao fascismo e ao nazismo históricos, pretende-se efetuar uma análise que, atenta às peculiaridades do que desponta historicamente, forneça os subsídios necessários à elaboração de um olhar crítico sobre o presente³. Esse artigo concentra-se, então, em analisar a existência de um Partido Nazista no Brasil nos anos de 1928-1938⁴. Ao observar a presença desse Partido em território nacional, questiona-se, por um lado, como seus princípios se adaptaram à realidade brasileira e, por outro lado, a apreensão generalizada de que não faria sentido que as convicções do Nacional-Socialismo pudessem se desenvolver em um país como o Brasil. Considerando os possíveis vínculos entre o Partido Nazista no Brasil e o Nacional-Socialismo na Alemanha, parece preciso problematizar associações que, por vezes, homogeneizam fenômenos históricos distintos.

Dessa forma, de modo a refletir sobre as especificidades do movimento nazista no Brasil da década de 1930, toma-se como base a tese de Ana Maria Dietrich, *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil* (2007) e a perspectiva foucaultiana, em *Arqueologia das Ciências*

³ A título de exemplo, nos últimos anos houve um aumento significativo das células neonazistas no Brasil (GI, 2022). Além disso, é indispensável mencionar o aumento de 760% dos atos neonazistas e antissemitas nas escolas brasileiras, conforme indicado por uma pesquisa feita pelo Observatório Judaico dos Direitos Humanos no Brasil (*Carta Capital*, 2023). Ademais, de acordo com a Revista Galileu (2022), as convicções extremistas de extrema-direita têm ganhado espaço no Brasil, incentivando o surgimento do fenômeno fascista.

⁴ O artigo aqui apresentado corresponde à reescrita de partes essenciais de uma pesquisa de conclusão de curso apresentada ao Programa da Pós-Graduação em História da PUC-SP (curso História, Sociedade e Cultura) e reflete parcialmente o desenvolvimento de uma dissertação em Filosofia (UNIOESTE).

Humanas e História dos Sistemas de Pensamento (Ditos e Escritos II) (2013). O que Dietrich apresenta é fundamental aos objetivos deste artigo, porque expõe as práticas do Partido Nazista no contexto brasileiro, algumas de suas conexões com o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (*National-Sozialistische Deutsche Arbeiterpartei*) e se os princípios nazistas foram amplamente divulgados no tecido social ou restritos aos alemães que residiam no país. Já o pensamento de Foucault importa no sentido de discorrer que, segundo o filósofo, não há repetições na história e que não se pode meramente equiparar fenômenos que emergiram em condições distintas (Foucault, 2013). Aventa-se mostrar caminhos ao estudo da temática do nazifascismo, detectando algumas das diferenças entre o pensamento do filósofo francês e o que Dietrich entende como o processo de tropicalização do nazismo. A partir disso, espera-se contribuir com a análise desse tema de tamanha relevância, mostrando como o nazifascismo não se restringiu às fronteiras europeias.

Como aponta Dietrich (2007), o Brasil foi o país com o maior número de adeptos do Partido Nazista fora da Alemanha. Além da ocorrência do próprio Partido Nazista em território nacional, manifestaram-se outros movimentos que seguiram direta ou indiretamente as concepções políticas do nazifascismo, tanto na primeira metade do século XX quanto posteriormente, em outros contextos históricos. Esses movimentos poderiam ser trazidos à exaustão, mas cabe aqui mencionar apenas alguns deles, tais como a Ação Integralista Brasileira (1932)⁵, o *Fascio di Sao Paolo* (1923)⁶, e, como exemplos de organizações contemporâneas, o *White Power SP* e o *Blood and Honour SP*. Ressalta-se, em vista disso, a importância da crítica às perspectivas eurocêntricas que, mesmo diante dos fatores supracitados, negligenciam e/ou minimizam o que se apresenta em outros contextos.

Os historiadores João Fábio Bertonha e Ernesto Bohoslavsky assinalam, em *Circule pela direita: percepções, redes e contatos entre as direitas sul-americanas, 1917-1973* (2023), como o nazifascismo se alastrou em diversos países da América Latina. A partir de uma extensa pesquisa, eles trazem à tona os “[...] movimentos da direita radical no Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e outros países [...]” (Bertonha; Bohoslavsky, 2023, p. 17). Problematizam, nessa direção, abordagens que se circunscrevem à Europa, as quais subestimam a emergência desses movimentos no Brasil e em outros países, como se não fossem nada mais do que uma tentativa de imitação do que ocorreu no cenário europeu. Destaca-se que perspectivas

⁵ Conforme Natalia dos Reis Cruz, “a Ação Integralista Brasileira (AIB) nasceu oficialmente em 1932, mas do ponto de vista do ideário integralista ela já existia antes dessa data” (Cruz, 2012, p. 45).

⁶ O artigo *Società Italiani Uniti: do triunfo à decadência. A emergência do fascismo* (2013), de Rosane Siqueira Teixeira, traz dados interessantes à formação do *Fascio di Sao Paolo*.

eurocêntricas não conseguiriam alcançar a complexidade dos acontecimentos, justamente porque não tocam nas forças que estão em jogo na contingência social.

Parte-se do princípio de que a existência do Partido Nazista no Brasil correspondeu a algo singular, marcado por importantes diferenças em relação ao que exigia o Nacional-Socialismo na Alemanha. Isso em vista, o presente artigo fundamenta-se no pensamento de Michel Foucault, no sentido de perceber a ascensão de ocorrências que, embora estejam associadas a aspectos do nazismo alemão, possuem características distintas. Essa abordagem implica considerar o “[...] acontecimento no que ele tem de único e agudo” (Foucault, 2013, p. 286). As reflexões do filósofo francês, portanto, atuam como elemento propulsor dessa análise, ressoando com a crítica feita anteriormente às perspectivas eurocêntricas. Longe de interpretar os acontecimentos e delimitá-los por meio de categorias de semelhança, recusa-se também compreendê-los a partir de relações imediatas de causa e consequência que se desenrolariam pela via de uma continuidade histórica. Trata-se de apresentar as marcas que lhes são únicas e mantê-las na dispersão que lhes é própria, visto que o pensador define a história como descontínua.

Com efeito,

Pensar nas possibilidades políticas do Brasil do começo do século XX dificilmente levaria alguém a imaginar a existência de um partido nazista alemão constituído num país considerado mestiço desde o século XIX [...] No entanto, a história [...] nos lança a certeza de que muita coisa pode acontecer, mais do que supõe nossa ‘vã filosofia’ (Santana, 2012, p. 117).

Por isso, deve-se enfatizar que:

muito foi escrito sobre o fenômeno do nazismo e do partido nazista alemão, mas a investigação desse partido no estrangeiro, fundamentos, regras e objetivos, ainda carecem de pesquisa histórica. O partido nazista no exterior esteve presente em 83 países do mundo, com 29 mil integrantes. É intrigante saber que países com realidades e histórias tão distintas compartilharam deste ponto em comum: a presença do movimento organizado do nazismo por meio de um partido político [...] (Dietrich, 2007, p. 118).

Segundo Dietrich (2007), o Partido Nazista no Brasil existiu legalmente de 1928 a 1938⁷, durante oito anos da Era Vargas (1930-1945). Oficialmente, sua criação aconteceu em Benedito Timbó (SC) por um grupo de imigrantes alemães que, na época, não tinham vínculos com o Terceiro Reich⁸. Somente em 1931, ao estabelecer sua primeira diretoria, é que o Partido passa a

⁷ O Partido Nazista No Brasil foi proibido em 1938, logo após a promulgação do Estado Novo, em 1937 (Dietrich, 2007).

⁸ Dietrich aponta que, embora tais imigrantes ainda não tivessem relações diretas com o Terceiro Reich, já incorporavam o germanismo (*Deutschtum*), convicção “[...] anterior ao nazismo, e [que] teve expressões no Brasil desde o século XIX. O nacional-socialismo incorporou elementos de manutenção da cultura, acrescentando as teorias raciais” (Dietrich, 2007, p. 153).

ter conexões diretas com o Nacional-Socialismo da Alemanha, incorporando suas orientações. No que diz respeito ao desenvolvimento do nazismo alemão, marcado por convicções nacionalistas e extremistas, evidencia-se como uma de suas estratégias de expansão territorial o controle de uma ampla rede de filiais do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (*National-Sozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – NSDAP) no exterior. A Organização do Partido Nazista no Exterior (*Auslandorganisation der NSDAP*)⁹, localizada em Berlim, dirigia essa rede de filiais.

De 1931 a 1933, a sede do Partido Nazista no Brasil situava-se no Rio de Janeiro; posteriormente, em 1934, foi transferida para a cidade de São Paulo e possuía ligações com o Paraná (Dietrich, 2007). Não obstante, as atividades nazistas se estenderam por diversos locais, especificamente:

os 17 estados brasileiros em que o partido nazista funcionou, em ordem decrescente por número de adeptos, são: São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Pernambuco, Espírito Santo, Bahia, Mato Grosso, Pará, Goiás, Paraíba, Ceará, Amazonas, Sergipe e Alagoas (Dietrich, 2007, p. 157).

Ao contrário da comum afirmação de que o movimento nacional-socialista foi deveras expressivo no Sul, Dietrich (2007) sinaliza que o estado de São Paulo teve uma presença mais significativa de nazistas¹⁰. Para ela, a chegada da população alemã no país está relacionada, de alguma forma, ao que se firmou como o Partido, o que não significa que todos os imigrantes alemães¹¹ estivessem associados aos princípios nazistas. Observa-se que:

A adesão desses imigrantes alemães ao partido nazista no Brasil pode ser ligada ao saudosismo da Pátria Mãe. Havia idealizações de acontecimentos, provocados pelo sentimento da distância com relação à Alemanha, pátria esta que muitos haviam deixado em um momento de crise, durante a República de Weimar, e que agora viam renascer economicamente (pelo menos isto é o que divulgava a propaganda nazista) nos braços de Hitler (Dietrich, 2007, p. 373).

Em função disso, o Partido Nazista no Brasil se concentrou nos imigrantes alemães, buscando envolvê-los com compromissos de fidelidade à Alemanha e integrá-los ao que se desenrolava na Europa. De modo a consolidar seus objetivos, implementou organizações como a Juventude Hitlerista, a Frente de Trabalho Alemã, a Associação de Mulheres e a Associação de

⁹ "Primeiramente denominado como *Auslandsabteilung* (Departamento do Exterior), foi fundado em 1931 com sede em Hamburgo. No ano em que Hitler subiu ao poder, mais precisamente em 03 de outubro de 1933, o departamento foi alocado, dentro da hierarquia do partido, diretamente abaixo do vice do Führer. Em 17 de fevereiro de 1934, passou a ser chamada de Organização do partido nazista no exterior (A.O)" (Dietrich, 2007, p. 143).

¹⁰ De acordo com Dietrich (2007), a vinda dos alemães ao Brasil pode ser explicitada pelo desenvolvimento do processo de industrialização nas grandes metrópoles, ocorrido na primeira metade do século XX.

¹¹ Dietrich (2007) analisa a vinda da população alemã ao Brasil desde o início do século XIX até a década de 1930.

Professores (Dietrich, 2007). Além disso, fazia propaganda de instituições alemãs, direcionadas ao comércio e às escolas, clubes, igrejas etc., com a intenção de unir a comunidade germânica no Brasil (Dietrich, 2007). O Terceiro Reich acompanhava as atividades do Partido Nazista no Brasil e determinava, tanto com a intenção de resguardar a “raça pura” quanto as demais convicções políticas do Nacional-Socialismo, que os alemães não se relacionassem com estrangeiros e não divulgassem os ideais nazistas no país em que residiam. Era requerido, pois, aos adeptos do nazismo que se submetessem a deveres relativos ao

[...] sacrifício de relações sociais: evitando-se o casamento com brasileiros; sacrifício do *labore*, para executar as demais atividades sugeridas pelo partido: participar de suas festividades, reuniões, palestras; [e] matricular seus filhos em escolas pró-nazismo [...] (Dietrich, 2007, p. 195).

Diante dessas considerações, questiona-se como se deu a disseminação das convicções nazistas na sociedade brasileira, sendo que o próprio Partido Nazista dizia divulgar seus princípios apenas à comunidade alemã. Dentre tantas outras referências que poderiam ser escolhidas à composição desse artigo, o documentário *Menino 23: Infâncias Perdidas no Brasil* (2016), dirigido por Belisario Franca e inspirado na pesquisa de doutorado de Sidney Aguilar Filho, traz dados interessantes sobre as conexões entre o Partido Nazista no Brasil, o governo de Getúlio Vargas e a sociedade brasileira¹². O documentário revela como as convicções nazistas circularam entre as elites, autoridades governamentais e latifundiários do café, embora mostre também como tocaram outras camadas da sociedade brasileira¹³. Como ponto de partida, apresenta tijolos marcados com suásticas¹⁴, tidos como a fonte histórica que conduziu à descoberta de uma “[...] transferência de 50 meninos, 48 ‘pretos ou pardos’, de 9 a 12 anos, entre 1932 e 1941” (Aguilar Filho, 2011, p. 24) de um orfanato do Rio de Janeiro para uma

¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7wHNxOohoPA>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

¹³ Para Sidney Aguilar Filho, “no Brasil, o racismo foi anti-semita e nisso comungavam com os nazistas da mesma época, mas os racistas daqui, assim como os da Alemanha, adotaram raciologias mais amplas que atingissem a classe trabalhadora mais empobrecida. No Brasil das primeiras décadas do século XX, a segregação de ‘pretos e pardos’ e de imigrantes de primeira geração, especialmente os asiáticos, mantinham baixo o valor da mão de obra. Fosse por alegações de ‘superioridade-inferioridade raciais’, ou por justificativas como a ‘degeneração da mistura racial’, a estética ‘ariana’ era tida como superior e espelho, mesmo que quebrado, da burguesia brasileira, como aparecem nas idéias de Renato Kehl, Gustavo Barroso, Miguel Couto e Oliveira Vianna, por exemplo. Assim, a pretensa ‘superioridade gênica’ dos ricos sobre os pobres, reforçava a liberdade da propriedade privada em detrimento da equidade jurídica e política entre os seres humanos” (Aguilar Filho, 2011, p. 64).

¹⁴ Sidney Aguilar Filho explicita como chegou aos tijolos, utilizados como fonte histórica à elaboração de sua pesquisa: “no ano de 1998, ao analisar a ascensão do nazismo alemão em uma aula de história de terceiro ano do ensino médio, uma aluna afirmou que na fazenda de sua família fora encontrado, por conta do desmanche de uma construção, grande quantidade de tijolos com o símbolo da suástica” (Aguilar Filho, 2011, p. 23). Pelos rumos tomados na análise, chegou-se na “[...] Fazenda Cruzeiro do Sul, à época de propriedade de Sérgio Rocha Miranda, [na qual] não só os tijolos eram marcados com o símbolo nazista, mas também o gado que participava e vencias as principais exposições e competições nacionais. O símbolo nazista apareceu, também, nos documentos da fazenda, como talonário de pedigree animal. A documentação pesquisada mostrou que era um fazendeiro assumidamente nazista” (Aguilar Filho, 2011, p. 13).

propriedade privada no interior de São Paulo, em Campina do Monte Alegre (SP). Aponta, a partir disso, a submissão dessas crianças ao trabalho escravo em uma fazenda de adeptos do nazismo e membros da Ação Integralista Brasileira (AIB)¹⁵; acontecimento esse que coincidiu com uma clara disseminação de sigmas¹⁶ e suásticas no corpo social da década de 1930, paralelamente à difusão das ideias eugenistas impostas por meio de políticas estatais de segregação¹⁷.

Conforme dito, o Partido Nazista no Brasil desenvolveu uma série de organizações e atividades à população alemã, fomentando um imaginário alusivo à consolidação dos laços de sangue germânico. Isso porque sua “[...] base ideológica era que as fronteiras alemãs não seriam delimitadas pelo território, mas sim pela chamada 'raça ariana'" (Dietrich, 2007, p. 145), ou seja, “não importaria o lugar onde [...] morassem, mas sim os laços de sangue" (Dietrich, 2007, p. 153). Segundo Dietrich (2007), apesar dos esforços do Partido em unir os alemães em torno da ideia de uma comunidade germânica no Brasil, os nazistas, ainda assim, tiveram que se ajustar à realidade brasileira. Nisto, as ações antissemitas persistiram tanto pela divulgação de discursos antijudaicos por meio de jornais, periódicos e correspondências quanto por conflitos concretos como, por exemplo, “[...] o boicote às lojas judias [e o Partido] condenou o convívio e a miscigenação com judeus” (Dietrich, 2007, p. 154). Nota-se também o auxílio do Partido Nazista no Brasil às intenções do Terceiro Reich, supervisionando a movimentação dos judeus chegados da Alemanha.

Pela análise dos documentos, caracterizou-se o interesse de parte do governo alemão de saber os lugares onde os judeus se refugiariam no Brasil, os tipos de sociedade que formavam e seu perfil profissional. Para nós, isto se caracterizou em um interesse *perigoso*, pois é demonstrativo do controle do movimento desta comunidade no exterior, que poderia munir as autoridades nazistas para futuras ações anti-semitas (Dietrich, 2007, p. 205-206).

¹⁵ Segundo Sidney Aguilar Filho, “o que a pesquisa mostrou foi que, pelo menos, de 1933 a 1937 o integralismo, o nazismo e os negócios entre empresários alemães e brasileiros conjugaram-se abertamente com o governo de Vargas" (Aguilar Filho, 2011, p.55). Além disso, como complementa Dietrich, “[...] foi no aspecto político que aconteceu o mais grave aos olhos do movimento nazista internacional: a criação de um movimento fascista à brasileira chamado integralismo que se expandiu e despertou fascínio na comunidade teuto-brasileira, com inúmeras adesões. Na década de 1930, o integralismo atraiu, pelo seu conteúdo ideológico, muitos alemães e descendentes" (Dietrich, 2007, p. 126-127).

¹⁶ A letra grega sigma (Σ), símbolo integralista.

¹⁷ Sidney Aguilar Filho argumenta, sob tal perspectiva, que no Brasil das décadas de 1930 a 1940 foram implementadas políticas de cunho eugenista que promoviam práticas de segregação racial fundamentadas em um viés científico. Delineia que “no Brasil da segunda metade do século XIX as teorias das raças de orientação ‘científica’ foram acompanhadas das teorias do ‘progresso e da evolução dos povos’, principalmente do positivismo comteano brasileiro [...]” (Aguilar Filho, 2011, p.17). Sua tese apresenta, dentre outras questões, a “[...] influência dos pensadores eugenistas na construção político-jurídica do Estado Nacional brasileiro na Era Vargas (1930-45), em especial da Constituição de 1934 e de seu artigo 138 que afirma ser função do Estado ‘estimular a educação eugênica’ (artigo 138)” (Aguilar Filho, 2011, p.24).

Considerando como o contexto brasileiro interferiu nos princípios do Nacional-Socialismo, provocando mudanças em suas convicções e funcionamento, além do antissemitismo, houve uma expansão pontual dos focos de preconceito. Mais especificamente, era motivo de grande incômodo para os nazistas o convívio com a população brasileira, considerada por eles como uma raça inferior à raça ariana (Dietrich, 2007). Em *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil* (2007) apresenta-se que, apesar dos discursos de ódio direcionados a essa população, o movimento nazista incorporou elementos da cultura brasileira, ao mesmo tempo em que reproduzia o que era imposto pelo Terceiro Reich. Seguem, portanto, exemplos do que foi referido: a execução do hino alemão após o hino brasileiro em determinados eventos; a presença de pratos típicos da Alemanha junto à culinária brasileira (canjica); e, como mais um dos indícios dessa incorporação, encontrou-se na Bahia dados que comprovam a participação dos nazistas em festividades brasileiras, como o carnaval e São João, simultaneamente à preservação da tradição alemã em festividades marcadas pelos "[...] chás dançantes e concertos de pianistas e violinistas em homenagem a Richard Wagner, artista preferido de Hitler" (Dietrich, 2007, p. 258).

Dietrich sustenta a hipótese de que o nazismo, ao entrar em contato com a realidade brasileira, passou por um processo de tropicalização. Esse processo revelou, em síntese, a "[...] ideologia nazista ‘vestida’ sob a roupa do contexto histórico brasileiro [...]" (Dietrich, 2007, p. 126), o que teve a ver com a adaptação dos imigrantes alemães às distintas condições socioculturais do Brasil. Na visão da pesquisadora, embora o Partido Nazista no Brasil tenha se empenhado a seguir as prescrições do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (*National-Sozialistische Deutsche Arbeiterpartei*), ainda assim, “[...] foi se *amolecendo*, se *abrasileirando*, se *tropicalizando*” (Dietrich, 2007, p. 126). Ao que parece, associar tal ideia à perspectiva foucaultiana, mencionada no início do artigo, produz alguns ruídos. Por mais que Dietrich esclareça que o nazismo no Brasil foi distinto do nazismo alemão, a aplicação do termo "tropicalização" parece estar associada a algo como uma espécie de essência fixa do nazismo, inerente ao que se sucedeu na Alemanha. Faz sentido afirmar, conforme o que expõe a pesquisadora, que essa transformação do nazismo tenha se concretizado apenas em alguns aspectos, haja vista que parte de suas convicções ainda permaneceram ativas sob um núcleo duro.

Com Foucault, a trajetória analítica quiçá consistiria em desvendar as práticas que refletem os distintos papéis tanto do nazismo alemão quanto do nazismo no Brasil. Diante disso, haveria o distanciamento de algo como uma essência originária do nazismo, a qual assumiria características distintas dependendo do contexto em que estivesse inserida. Ao observar a

necessidade de fragmentar o que se pensava unificado para, assim, sublinhar os acontecimentos em suas singularidades, com Foucault, não se trata de reconhecê-los para representá-los, no sentido de detectar seus aspectos e os interpretar sob um viés linear da história. Trata-se de descrever precisamente como as coisas despontam em determinados contextos, sob o pretexto de que “[...] o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (Foucault, 2013, p. 286). Para o pensador, a história se desenrola por descontinuidades, o que faz com que seja necessário visualizar a presença do Partido Nazista no Brasil como algo novo, a partir de práticas que seriam assinaláveis sob novas gêneses históricas. Mais especificamente, o foco estaria na análise das práticas que são, simultaneamente, semelhantes e distintas, no sentido de assinalar “[...] a constituição histórica de articulações que fazem emergir, transformar ou desaparecer esse ou aquele objeto” (Candiotto, 2006, p. 67). Isso não se reduz à tentativa de identificar rupturas e continuidades em uma via de mão dupla; o que Foucault propõe parece ser mais complexo. É evidente, nesse ponto, que não se pode apreender a presença do Partido Nazista no Brasil como algo a-histórico, isto é, como uma totalidade autônoma, desvinculada das circunstâncias espaço-temporais. Como se pôde ver, sua existência se fundamentou, em certos aspectos, no nazismo alemão. No entanto, perceber as semelhanças entre o Partido Nazista no Brasil e o Nacional-Socialismo na Alemanha serviria especificamente para traçar, a partir delas, suas diferenças. Reforça-se que para a lida com a história a partir de uma perspectiva foucaultiana importam as descontinuidades.

À luz do que foi mencionado anteriormente sobre as práticas de violência reveladas pelo documentário *Menino 23: Infâncias Perdidas no Brasil* (2016), torna-se evidente a necessidade de problematizar a percepção generalizada do Brasil como um país em que as convicções do Nacional-Socialismo não conseguiriam se encaixar. Os debates acerca do nazifascismo têm sido extensos. Por essa razão, considerar a emergência de práticas de violência vistas como afins às convicções do fascismo e do nazismo históricos requer, antes, o exame das especificidades de cada momento, o que torna indispensável um trabalho com a filosofia e com a história que, ao articular as temporalidades, possa abrir espaço para o esforço de interrogação do presente.

REFERÊNCIAS

AGUILAR FILHO, Sidney. *Educação, autoritarismo e eugenia: exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil (193-1945)*. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.

Atos neonazistas e antissemitas em escolas tiveram alta de 760% entre 2019 e 2022, indica estudo. *Carta Capital*. 29 abr. 2023. Educação. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/atos-neonazistas-e-antissemitas-em-escolas-tiveram-alta-de-760-entre-2019-e-2022-indica-estudo/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

BERTONHA, João Fábio; BOHOSLAVSKY, Ernesto. *Circule pela direita: percepções, redes e contatos entre as direitas sul-americanas, 1917-1973*. Maringá: Eduem, 2023.

CANDIOTTO, Cesar. Foucault: uma história crítica da verdade. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 29, n.2, p.65-78, 2006.

CRUZ, Natalia dos Reis. A Ação Integralista Brasileira (AIB). Nacionalismo, Antissemitismo e Fascismo. In: CRUZ, Natalia dos Reis (Org.). *Ideias e práticas fascistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 45-60.

DELCOLLI, Caio. Ameaça fascista: como ideais de extrema direita ganharam espaço no Brasil. *Revista Galileu*, 25 ago. 2022. Política. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Politica/noticia/2022/08/ameaca-fascista-como-ideais-de-extrema-direita-ganharam-espaco-no-brasil.html>. Acesso em: 12 mar. 2024.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. *Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet*. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Campinas, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/403920>. Acesso em: 2 fev. 2024.

DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10072007-113709/pt-br.php>. Acesso em: 3 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Tradução: Elisa Monteiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

Grupos neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que a presença online transborde para ataques violentos. *G1*. 16 jan. 2022. Fantástico. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghtml>. Acesso em: 5 mar. 2024.

MENINO 23: *Infâncias Perdidas no Brasil*. Direção de Belisario Franca. Produção de Maria Carneiro da Cunha. Roteiro de Belisario Franca e Bianca Lenti. Brasil: Elo Company, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7wHNxOohoPA>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. O nazismo no Brasil: uma breve leitura sobre a organização e a estrutura do Partido. In: CRUZ, Natalia dos Reis (Org.). *Ideias e práticas fascistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 117-134.

TEIXEIRA, Rosane Siqueira. *Società Italiani Uniti: do triunfo à decadência. A emergência do fascismo*. *Topoi*. Rio de Janeiro, v.14, n.26, p. 143-161, jan./jul. 2013.